

II



APAMVET DIVULGA

FOLHA DO SERVIDOR PÚBLICO
ACADEMIA DE LETRAS, CIÊNCIAS E ARTES

Edição 289 - Fevereiro – 2017: Página 22

Texto de autoria da Acadêmica **Ivete Furigatti** / da
Da 3ª Cadeira de Artes da Academia de Letras, Ciências e Artes da
Associação dos Funcionários Públicos do Estado de São Paulo

BIDU SAYÃO, A VOZ SOPRANO DO BRASIL – SUA VIDA E O TEMPO EM QUE VIVEU

Brasileira, carioca da gema,
Inigualável em sua arte,
Diva do canto lírico,
Um magnífico rouxinol.
Soprano de voz delicada,
Artista respeitada pelo Metropolitan.
York amou e dignificou
Aparceira favorita de Villa-Lobos,
Orgulho do Brasil e do mundo!



Bidu Sayon

Resumir a vida de uma pessoa para adequá-la ao tempo (sempre o tempo, o senhor implacável da humanidade), não é tarefa fácil.

Retornemos ao início do século XX. Graves epidemias ainda devastavam cidades e países. A humanidade não era dependente do “ouro negro”, o petróleo, e os trens eram sinônimos de “modernidade”. O uso da eletricidade permitia o conforto e o usufruto de diversas novidades tecnológicas. A

Belle Époque surgia como um período de esplendor, com desenvoltura de costumes e formas de pensar muito peculiares.

Como em outros rincões, vivia-se, em terras brasileiras, a euforia do início do século, porém acrescida pelas incertezas do novo regime político - a República - e por necessárias mudanças. O Brasil era o maior produtor de café do mundo, praticamente não dispunha de indústria pesada, e dava os primeiros passos na indústria de transformação, com a predominância das pequenas unidades fabris. A capital da República – a cidade do **Rio de Janeiro**, desde 1763 - era o centro financeiro e controlador do comércio.

O ano de 1902 vê o término do governo do campineiro **Manoel Ferraz de Campos Salles** e o início do “*governo de modernização do Brasil*”, por **Francisco de Paula Rodrigues Alves**; a 11 de maio, nascia, na cidade do Rio de Janeiro, na Praça Tiradentes, nº 48, a menina **Balduína de Oliveira Sayão**, filhinha de **Maria José Teixeira de Oliveira Sayão** e do advogado **Pedro Luís de Oliveira Sayão**. Da mãe, herdou a ascendência franco-suíça, e do pai, a portuguesa; seu prenome foi escolhido para homenagear a avó paterna.

A pequena **Balduína - Bidu**, carinhoso apelido dado por sua mãe - nasceu no berço do teatro de revista do Rio de Janeiro, sofrendo as influências das artes em sua vida; aos 11 anos de idade cantou em público pela primeira vez, não profissionalmente, “*O Coração tem Dois Lados*”, canção de seu tio médico **Alberto Costa**. Iniciou os estudos musicais no Rio de Janeiro, com a soprano romena Helena Teodorini, e fez a sua estreia, com dezoito anos, no Teatro Municipal com a obra de Donizetti, Lúcia di Lammemoor; a carreira internacional deu-se na **Romênia**, com aperfeiçoamento na **França, em Nice**, com o mais famoso professor da época, **Jean de Reszke**, com o qual adquiriu a técnica perfeita e a delicadeza, características estas que lhe acompanhariam durante toda a carreira e a tornariam tão especial.

Em Roma - cidade que a viu nascer para o teatro lírico - foi convidada para abrir a temporada do **Teatro Costanzi**,

interpretando magistralmente Rosina, em “O Barbeiro de Sevilha”, de **Rossini**.

Em 1936 estreou, em New York, com La Demoiselle Élue, de **Debussy**, sob a regência do maestro **Arturo Toscanini**, no Carnegie Hall, e em 1937 no Metropolitan Opera House, com o papel – título da ópera “Manon”, de **Massenet**. Recebeu tal quantidade de convites, à época, para cantar, que interpretou, em treze temporadas, doze papéis diferentes!

Bidu Sayon apresentou-se diversas vezes em terras brasileiras, no Rio de Janeiro e em São Paulo, sempre com total sucesso, e encerrou sua carreira em 1958, com **La Demoiselle Élue**, após mais de trinta anos dedicados à música.

Perfil de sucesso

Além da baixa estatura, **Bidu Sayão** era dotada de uma voz límpida e delicada, requisitos que a tornavam muito adequada para os papéis líricos femininos mais delicados e graciosos. Excelente atriz, sua força interpretativa possibilitou-lhe viver vinte e duas diferentes heroínas.

Ao longo de sua carreira, trabalhou e conviveu com grandes personalidades artísticas do século XX, dentre as quais **Maria Callas**, **Carmen Miranda**, a conterrânea pianista **Guiomar Novaes** e **Arturo Toscanini**, famoso maestro italiano e um de seus grandes admiradores, que a chamava carinhosamente “*la piccola brasiliana*”.

No Brasil, **Mário de Andrade** chamava-lhe “*rouxinol brasileiro*”.

Parceira favorita do compositor **Heitor Villa-Lobos**, numa carreira de 38 anos, **Bidu Sayon** imortalizou a **Bachiana n° 5**, das Bachianas Brasileiras, as peças mais conhecidas e muito amadas do compositor.

No *Metropolitan Opera House* **Bidu Sayão** reinou como grande e respeitada artista, por mais de 14 anos, e no hall há imenso quadro em sua homenagem. Os americanos chamavam-lhe the “*charming singe*”.

Em agosto de 1955, cantando no Hollywood Bowl, obteve um de seus maiores sucessos.

Com a **Calgary Symphony**, foi chamada de “*glamorous soprano star*”.

A cidade que a viu nascer e iniciar os estudos, homenageou-a em 1995, por intermédio da **Escola de Samba Beija – Flor**, com o enredo “*Bidu Sayão e o Canto de Cristal*”, sendo carnavalesco **Milton Cunha**, intérprete do samba Neguinho da Beija-Flor e compositores: **Bira, Zé Carlos do Cavaco, Tião Barbudo, Dequinha Pottier e Jorginho**.

O Canto do Cisne

No ano de 1959, após decorrido um ano do encerramento da carreira nos palcos e em público, **Bidu Sayão** fez uma gravação da “*Floresta Amazônica*”, de **Heitor Villa-Lobos**, atendendo a pedido seu. Com a música brasileira, **Bidu Sayão** encerrou definitivamente a carreira artística, definindo, ela própria, este trabalho como seu “*canto de cisne*”.

Coincidência ou não, “*Floresta Amazônica*” também foi o último trabalho de **Heitor Villa-Lobos**, escrito em 1958, com versos da poetisa **Dora Vasconcelos**; foi apresentado em Nova York a 12 de julho de 1959, falecendo o compositor em 17 de novembro do mesmo ano, após prolongada enfermidade.

Bidu Sayão, encerrada a vida artística, viveu nos EUA, em Lincolntonville, no estado do Maine. Foi casada duas vezes.

Nos anos de 1991 e 1993 sofreu derrames.

Retorna pela última vez ao Brasil no ano de 1995, quando participou do desfile da Escola de Samba Beija-Flor.

Veio a falecer de pneumonia, aos 96 anos, em 13 de março de 1999. Seu sonho de retornar à terra natal não chegou a se concretizar. Calou-se de vez a melhor cantora lírica de todos os tempos.

O século XX, quase chegando a seu final, perdeu uma grande artista, e o Brasil, uma filha diletta, que soube, como poucos, dignificar a pátria em que nasceu.